

CIDADES MORTAS

MONTEIRO LOBATO

O que se vai ler corresponde a uma página bem conhecida da literatura brasileira. Se a transcrevemos em nosso Boletim, outro intuito não temos senão torná-la mais acessível aos professores de Geografia, desde que a consideramos um retrato fiel de muitas cidades do país. O notável escritor paulista escreveu-a em 1906, impressionado com o espetáculo que tinha ante os olhos na velha área cafeeira do Vale do Paraíba. Apesar do quase meio século decorrido, infelizmente, continúa a apresentar uma palpitante atualidade.

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsólo, ressurte de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, reflui com eles duma região para outra. Não emite pão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rasilho de taperas.

A uberdade nativa do solo é o fator que o condiciona. Mal a uberdade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no Velho Mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital — e com ele os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas.

Em São Paulo temos perfeito exemplo disso na depressão profunda que entorpece boa parte do chamado Norte.

Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito.

Um tanto de cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes.

Pelas ruas êrmas, onde o transeunte é raro, não matracoleia sequer uma carroça: de há muito, em matéria de rodas, se voltou ao rodízio desse rechimante símbolo do viver colonial — o carro de boi. Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois e três andares, sólidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiúna: casarões que lembram ossaturas de megatérios donde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiam.

Vivem dentro, mesquinhamente, vergôntes morticas de famílias fidalgas, de boa prosélia entroncada na nobiliarquia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem da pátina dos anos e cujo estuque, lagarteado de fendas, esborôa à força de goteiras, ouve o bafio da morte. Há nas paredes quadros antigos, "crayons", figurando effigies de capitães-mores de barba em colar. Há sobre os aparadores Luís XV brônzeos candelabros de dezoito velas, esverdecidos de azinavre. Mas nem se acendem as velas, nem se guardam os nomes dos enquadrados — e por tudo se agruma o bolór rancido da velhice.

São os palácios mortos da cidade morta.

Avultam em número, nas ruas centrais, casas sem janelas, só portas, três e quatro: antigos armazéns hoje fechados, porque o comércio desertou também. Em certa praça vazia, vestígios vagos de "monumento" de vulto: o antigo teatro — um teatro onde já ressoou a voz da Rosina Stolze, da Candiani...

Não há na cidade exangue nem pedreiros, nem carapinas; fizeram-se êstes remendões; aquêles, meros demolidores, — tanto vai da última construção. A tarefa se lhes resume em especar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas e remendá-las mal e mal. Um dia, metem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica à inclemência do tempo o encargo de alisar o resto.

Os ricos são dois ou três forrêtas, coronéis da Briosa (*), com cem apólices a render no Rio; e os siracuristas acarrapitados ao orçamento; juiz, coletor, delegado. O resto é a "mob": velhos mestiços de miserável descendência, roída de opilação e álcool; famílias decaídas, a viverem misteriosamente umas, outras à custa do parco auxílio enviado de fora por um filho mais audacioso que emigrou. "Boa gente", que vive de aparas.

Da geração nova, os rapazes debandam cedo, quase meninos ainda: só ficam as moças — sempre fincailas de cotovelos à janela, negaceando um marido que é um mito em terra assim, donde os casadouros fogem. Pescam, às vêzes, as mais jeitosas, o seu promotorzinho, o seu delegadozinho de carreira — e o caso vira prodigioso acontecimento histórico, criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbilical do correio — magro estafeta bifurcado em ponteagudas éguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postais à garupa, murchas como figos secos.

Até o ar é próprio; não vibram nêle tons de auto, nem cornetas de bicicletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem *ten-ten*s de sorveteiros, nem *plás-plás* de mascates sírios. Só os velhos sons coloniais — o sino, o chilreio das androinhas na torre da igreja, o rebino dos carros de boi, o cincêro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu.

Isso, nas cidades. No campo não é menor a desolação. Léguas a fio se sucedem de morraria áspera, onde reinam soberanos a saíva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por ela passou o Café, como um Átila. Toda a seiva foi bebida e, sob a forma de grão, ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidéz de novos assaltos à virgindade da terra nova; ou se transeiz nos palacetes em ruína; ou reentrou na circulação curvoneia por mão de herdeiros dissipados.

A mãe fecunda que o produziu nada coube; por isso, ressentida, vingá-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz. E o deserto lentamente retoma as posições perdidas.

Raro é o casebre de palha que fumega e entremostra em redor o quartelzinho de cana, a rocinha de mandioca. Na mór parte os escassíssimos existentes, descolmados pelas ventanias, esburacucados, afestóam-se do melão de São Caetano — a hera rústica das nossas ruínas.

As fazendas são Escoriais, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Ladeando a Casa Grande, senzalas vazias e terreiros de pedra com vigosas guanxumas nos interstícios. O dono está ausente. Mora no Rio, em São Paulo, na Europa. Cafezais extintos. Agregados dispersos. Subsistem unicamente, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a

(*) O autor refere-se à extinta Guarda Nacional (*Nota da Redação*).

terra, incapazes de abandonar a querência, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam — fauna cadavérica de última fase, a roer os derradeiros capões de café escondidos nos grotões.

— “Aqui foi o Breves. Colhia carenta mil arrôbas!...”

A gente olha assombrada na direção que o dedo cicerone aponta. Nada mais!... A mesma morraria nua, a mesma saúva, o mesmo sapé de sempre. De banda a banda, o deserto — o tremendo deserto que o Átila Café criou.

Outras vezes o viajante lobruga ao longe, rente ao caminho, uma ave branca pousada no tópo dum espoque. Aproxima-se de vagar ao chouto rítmico do cavalo; a ave esquisita não dá sinais de vida; permanece imóvel. Chega-se inda mais, franze a testa, apura a vista. Não é ave, é um objeto de louça... O progresso cigano, quando um dia levantou acampamento dali, rumo Oeste, esqueceu de levar consigo aquêlê isolador de fios telegráficos... E lá ficará êle, atestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram os muitos decênios necessários para que a ruína consuma o rijo poste de “candeia” ao qual o amaram um dia — no tempo feliz em que Ribeirão Preto era ali...

(Transcrito da obra *Urubês, outros contos e coisas*, edição “ônibus”, comemorativa do 25.º aniversário da estreia do escritor. Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1943, págs. 137 a 139.)